

A Vila Planalto foi visitada pelo arquiteto, que se impressionou com a suave vegetação da área

Urbanista belga descobre a história de Brasília

Ana Leyla

Consultor do Conselho de Europa para assuntos de patrimônio e revitalização de cidades históricas, o arquiteto e urbanista Jean Barthélény, mestre na Faculdade Politécnica de Mons, Bélgica, esteve recentemente em Brasília, onde veio ensinar a lição básica do urbanismo contemporâneo, segundo a qual, "mais prioritário que as formas, são as pessoas".

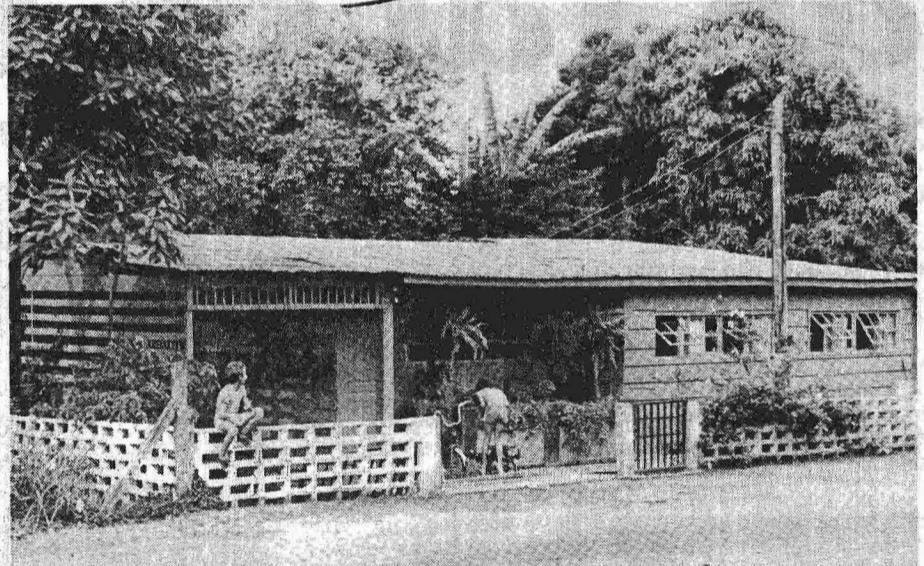
Para exemplificar esta concepção no trato com o espaço, esse respeitado urbanista belga, nascido na histórica cidade de Liège, mirou-se no exemplo não dos monumentos arquitetônicos ou do traçado urbanístico, que fizeram de Brasília cidade internacionalmente conhecida. Os modelos locais que ele achou, quem diria, foram os acampamentos construídos a título precário, tais como a Vila Planalto e Vila Metropolitana, lugares nos quais "as pessoas se sentem bem".

A partir desta constatação ele entendeu não caber mais "nenhum julgamento, de forma tal que pensar em tirar os moradores para colocá-los em habitações que nada têm a ver com eles, as grandes distâncias de seu local de trabalho, seria ato extremamente vergonhoso". Na Vila Planalto, onde esteve em visita, Jean Barthélény admirou, sobretudo, o importante papel desempenhado pela vegetação, que adensa o tecido urbano e suaviza o caminhar na área.

Identificação com a cidade

As posições assumidas pelo mestre belga refletem, segundo ele mesmo, um grande contraste em relação ao urbanismo funcionalista, cujos princípios, expressos na Carta de Atenas, foram aplicados em Brasília. Falar sobre a cidade é "questão difícil e delicada", uma vez que só a conheceu superficialmente, mas Jean Barthélény não se omite em fazer isso por conhecê-la "em teoria". "Brasília faz parte do patrimônio mundial, porque representa um momento específico da civilização moderna", frisa ele, lembrando que em termos de escala, o Plano Piloto representa a mais ampla aplicação dos princípios da Carta de Atenas.

Vinte e cinco anos depois da vigência destes ideais urbanísticos, no entanto, o urbanismo já não é o mesmo. "Mesmo não sendo o urbanismo em que acredito, vejo que Brasília oferece elementos fundamentais, de excelente qua-



A Vila Metropolitana também chamou a atenção do urbanista

lidade", frisa ele, citando como exemplo as proporções das superquadras (distância entre um prédio, altura, vegetação, etc), coisas que no seu modo de ver contribuem para que as pessoas tenham domínio sobre o espaço e não sejam esmagadas por ele.

"As pessoas que fizeram o projeto urbanístico de Brasília acreditaram no futuro do urbanismo", diz Jean Barthélény, frisando contudo que estas características essenciais são fáceis de serem destruídas se não houver um cuidado muito grande em preservá-las. "Muitas vezes se diz que uma cidade foi construída dentro dos padrões da Carta de Atenas, mas na França, por exemplo, predominaram de tal maneira os interesses imobiliários que tais cidades, hoje saturadas, oferecem péssimo padrão de vida", compara.

Fundamental também em Brasília, no seu modo de ver, é a existência de símbolos fortes — como a Esplanada dos Ministérios, o Congresso, a Catedral — que a exemplo do que era feito nos burgos medievais e na urbis grega ou romana, fazem desta uma cidade inconfundível. "Tudo bem diferente das cidades modernas cujo símbolo é a Coca-Cola", ironiza.

Preservação dos Símbolos

Embora Brasília seja uma cidade radicalmente diferente de Mons, para

onde foi com a incumbência de elaborar seu projeto de revitalização, "é preciso que haja uma preocupação bastante concreta em preservar seus símbolos", pede ele.

Admirando principalmente o uso do espaço — "o mesmo tipo de espaço das cidades medievais, criado ao longo dos séculos" — ele aponta, no entanto, alguns elementos perturbadores: Os diferentes gabaritos dos prédios do Setor Comercial Sul, ou, naturalmente, mastro da bandeira, mandado construir num dos governos militares.

Alguns outros pontos negativos da cidade, de resto, não são de responsabilidade de seus idealizadores, mas da própria concepção urbanística segundo a qual foi idealizada. Conforme aponta o arquiteto, um destes é a questão da circulação, pois "fazer ruas muito largas para facilitar a circulação dos automóveis foi um erro, e desde o início o que deveria ter sido feito seria um sistema de transporte público que tivesse confiabilidade, em espaço reduzido".

Apesar do Plano Piloto estar concluído, Jean Barthélény entende que "é tão possível quanto necessário, em Brasília, promover o adensamento do tecido urbano, para que as pessoas possam melhor caminhar e se sentir na cidade". O elemento fundamental neste processo é a vegetação, ainda escassa no seu entendimento.